

Cyberbully e violências subjetivas: relações femininas de conflitos na contemporaneidade¹

Chirliana de Souza Rodrigues²
Tânia Siqueira Montoro³
Universidade de Brasília - UnB

Resumo

Este artigo analisa o filme estadunidense *Cyberbully* (2011). O objetivo é avaliar na narrativa os dilemas de relacionamentos, as violências subjetivas que envolvem a figura das mulheres, os conflitos emocionais e sociais, as lutas e os desafios em um contexto sócio-histórico e midiático contemporâneo. A metodologia ampara-se nos estudos feministas de cinema, que identifica, na produção, a construção das personagens, as formas de discursos que mediam o diálogo fílmico e os cenários onde se travam as tramas e os conflitos.

Palavras-chave: cinema; rede social; gênero; *bullying*; *cyberbully*.

INTRODUÇÃO

Na sociedade pós-moderna é recorrente o uso do termo *bullying* para descrever os diversos tipos de violências físicas e/ou verbais entre estudantes no espaço escolar. Com origem na palavra inglesa *bully*, a expressão significa brigão, valentão, tirano. No Brasil, não há uma política específica que oriente a prática, porém, tramita desde 2013 no Congresso Nacional o Projeto de Lei N° 68/2013, que visa instituir o ⁴Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*).

Para compreender o *bullying*, o texto do Projeto de Lei, no artigo 1º, parágrafo 1º, define a ação como “todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Especialista em Assessoria de Comunicação, aluna especial na disciplina de Comunicação e Gênero do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* na Universidade de Brasília (UnB), ano de 2015.

³ PHD em cinema e televisão pela Universidade Autônoma de Barcelona. Possui pós-doutorado em cinema pela UFRJ. É professora e Pesquisadora na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), onde coordena o mestrado e o doutorado na linha de pesquisa de imagem e som.

⁴ O arquivo pode ser acessado, na íntegra para leitura, no endereço eletrônico www.senado.gov.br.

relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas”. Baseado nesse conceito, e a partir da análise do filme *Cyberbully* (Estados Unidos, 2011), o objetivo deste artigo é avaliar na narrativa os dilemas de relacionamentos, as violências subjetivas que envolvem a figura das mulheres, os conflitos emocionais e sociais, as lutas e os desafios em um contexto sócio-histórico e midiático contemporâneo.

A análise da produção midiática prioriza três personagens principais do filme *Cyberbully*: Taylor Hillridge (Emily Jordan Osment), que aos 17 anos sofre *bullying* virtual dos colegas da escola; Kris Hillridge (Kelly Rowan), mãe, genitora do lar e divorciada, ela luta para acompanhar a rotina problemática dos dois filhos adolescentes, e Samantha Caldane (Kay Panabaker), melhor amiga de Taylor Hillridge, de caráter duvidoso e personalidade caracterizada por um altruísmo egoísta.

A metodologia está amparada na análise e avaliação da narrativa fílmica. Dentro de uma perspectiva dos estudos feministas de cinema, recairá sobre: a) a construção das personagens; b) as formas de discursos que mediam o diálogo fílmico; c) os cenários onde se travam as tramas e os conflitos. A metodologia apoia-se, ainda, nas teorias de cinema de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (1994), Robert Stam (2003) e Dudley Andrew (2002), nos estudos de gênero de Teresa de Lauretis (1987) e Judith Butler (2003) e nas afirmações do sociólogo Michel Maffesoli (1998).

A escolha do filme dialoga com o pré-projeto em construção pela autora do artigo, que a partir do olhar da gestão de crises na comunicação organizacional, pesquisa os tipos de violências – físicas ou psíquicas – que se submetem ou podem vir a se submeterem os estudantes do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio de instituições de educação básica da rede pública e privada no Distrito Federal. É, também, requisito para aprovação, como aluna especial, na disciplina de Comunicação e Gênero do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* na Universidade de Brasília (UnB), no ano de 2015.

Para melhor compreensão do *corpus* deste artigo, no Brasil existem exemplos de *bullying*, virtual ou interpessoal, que envolvem meninas na fase da vida escolar em maledicências com viés expositivo focado no apelo sexual e/ou de aspecto constrangedor. Para validar essa afirmação, a edição do Jornal O Globo, do dia 20 de novembro de 2013, repercutiu o

trágico desfecho de caso com adolescente de 16 anos, de Veranópolis (RS), que cometeu suicídio após ter fotos íntimas divulgadas pelo ex-namorado no *Facebook*⁵ e no *Twitter*⁶. Este artigo pretende, em um estudo mais aprofundado, contribuir com pesquisas acadêmicas acerca dos temas *bullying* e *Cyberbullying*, práticas que afetam as relações cotidianas de estudantes na pré-adolescência e adolescência, em todo o mundo, principalmente a partir do livre acesso à *internet*, às redes sociais e aos aplicativos para celular.

1. LIBERDADE MASCARADA: TAYLOR, UMA ADOLESCENTE EM RISCO



Lançado no Brasil em 20 de fevereiro de 2012, o filme *Cyberbully* (Estados Unidos, 2011), do diretor Charles Binamé narra, em 87 minutos, o drama vivido pela adolescente Taylor Hillridge (Emily Jordan Osment), garota típica adolescente que sofre *bullying* virtual após ganhar o computador da mãe e tornar-se membro da rede social *Clickster*. A filmografia do cineasta belga é composta por outras produções no gênero drama, como os filmes *Julgamentos de Guerra* (2005) e *Elephant Song* (2014).

No filme *Cyberbully*, Taylor é dominada pela mãe superprotetora Kris Hillridge (Kelly Rowan). Profissional da área de relações públicas, ela controla tudo que a filha acessa pela *internet* e pelo celular por meio de *software*⁷ de monitoramento. O controle exercido pela mãe sobre Taylor pode ser percebido no diálogo estabelecido entre as duas personagens,

⁵ Rede Social lançada em 2004, por Mark Zuckerberg, estudante da Universidade de Harvard. No espaço virtual, os usuários criam perfis com fotos e listas de interesses pessoais para troca de mensagens privadas e públicas.

⁶ Rede social que permite aos usuários enviar e receber atualizações em textos de até 140 caracteres.

⁷ Programas que comandam o funcionamento de um computador.

logo no início do filme e, ainda, nos traços da relação conflituosa reconhecidas nos fotogramas.

No dia do aniversário de 17 anos, Taylor ganha de presente da mãe um computador e a liberdade sonhada, fato que desencadeia uma série de conflitos na vida da garota – ela começa a sofrer *bullying* na escola e fora dela. Essa cena passa-se na mesa do café da manhã, que simboliza, em várias partes do filme, o momento em que a família reúne-se para as conversas do dia a dia e os esclarecimentos de conflitos.

Em meio à vida atribulada, Kris (a mãe de Taylor), que no filme parece ser uma mulher com pouco mais de 40 anos, tenta superar o divórcio. Ela apresenta, na narrativa, os olhos tristes, fala com entonação baixa e traços de mulher sobrecarregada pelo excesso de tarefas de casa conciliadas com as exigências do trabalho, além das preocupações cotidianas motivadas pelas rebeldias do filho mais novo Eric Hillridge (Robert Naylor).

O longa-metragem, desde o início do filme, pode ser interpretado pelo espectador como a representação da realidade, ao apresentar “a vida com ela é” (ANDREW, 2002, p. 11). Essa teoria confirma-se no trecho do diálogo entre Taylor (filha) e Kris (mãe), quando a filha ganha o computador de presente. Na conversa, a mãe diz: “É todo seu. Particular. Pode usar onde e quando quiser se obedecer às minhas regras. Nada de sites inadequados e nada de informações pessoais.” Ao tempo que Taylor responde: “Eu conheço as regras. Mesmo assim vai confiar em mim. Está se sentindo bem?”. Observam-se, nesse cenário, comportamentos autoritários e desconfiança nos trechos da conversa estabelecida.

No conteúdo fílmico é identificada, ainda, a influência que as colegas de Taylor têm sobre ela, em especial, Samantha Caldane (Kay Panabaker) – a melhor amiga. É a partir desse poder de persuasão que Taylor decide criar o perfil na rede social *Clickster*. A decisão também é influenciada pela paixão da protagonista pelo jogador do time de futebol da escola, o garoto Scott Ozsik (Jon McLaren), aqui “é, na verdade, a representação de uma relação” (LAURETIS, 1987, p. 210), rodeada de expectativas e frustrações. Percebe-se, em análise aprofundada do filme, que a adolescente condiciona a felicidade ao possível namoro com o jogador.

A partir da teoria realista do cinema, pode-se afirmar que a produção midiática, apesar de apresentar características teatrais, com “atores e suas falas estilizadas com cenários artificiais e cuidadosamente escolhidos” (ANDREW, 2002, p. 126), possibilita, ao espectador, realizar a leitura crítica do tema *cyberbully*, polêmico e atual.

Os comentários maldosos sobre Taylor na rede social *Clikster* é iniciado pelo irmão mais novo da protagonista, Eric Hillridge (Robert Naylor). Ele consegue *hackear* a senha e invadir o perfil da irmã na rede social, movido pelo sentimento de inveja por não poder usar o computador. Mas sem saber os danos que essa ação causaria nas relações de Taylor com os amigos, e pela velocidade com que as informações circulam na internet, os estudantes da *Mountain High School*, escola onde Taylor estuda, ficam sabendo das mentiras postadas sobre ela e iniciam-se as agressões verbais à adolescente, que se torna vítima de *bullying* virtual pelos colegas.

Essa ação, no contexto do papel sócio-histórico do filme relata “[...] o presente (ou sempre diz algo do presente, do aqui e do agora)” (VANOYE-GOLIOT-LÉTÉ, 1994, pág.55). A luz do pensamento dos autores subtende-se que a estória de Taylor é um tema recorrente na contemporaneidade. A revista *Época*⁸, na edição de novembro de 2013, com a manchete “Sexo, Vingança e Internet”, dedicou a matéria de capa para o caso de duas adolescentes brasileiras, uma gaúcha e outra piauiense, que comentaram suicídio após terem fotos íntimas divulgadas na *internet* e em aplicativos de aparelho móvel.

Em diálogo com a realidade citada acima e a realidade representada no filme *Cyberbully*, os ataques que Taylor sofre são percebidos nas palavras deixadas na rede social *Clikster*, como vadia, lesada, garota suja, bandida, ressonâncias percebidas na narrativa. Para validar a análise, semelhante ao que se passa com Taylor no filme *Cyberbully*,⁹ no ano de 2007, uma garota americana de 13 anos matou-se após ser alvo de agressões verbais de personagem fictício no site *MySpace*, que associava o nome e imagem da garota a palavras como gorda, prostituta, mentirosa.

⁸ Matéria disponível para leitura em <http://180graus.com/noticias/epoca-e-istoe-usam-caso-julia-para-falar-de-vinganca-mortal-pela-web>

⁹ Informações disponíveis em http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=296.

Quando Taylor é abandonada pelas melhores amigas ela tenta suicídio, deixa de ir às aulas e só consegue superar o trauma quando inicia o tratamento com remédios e acompanhamento psicológico em um grupo de apoio. Na perspectiva da análise cinematográfica “ficou evidente, no caso de uma pessoa deprimida, estar ela sempre em posição ‘inferior’ à de outros personagens centrais da narrativa” (BAUER, GASKELL, 2002, pag. 350). A narrativa “[...] constrói um mundo possível que mantém relações complexas com o mundo real: pode ser parte seu reflexo, mas também pode ser as recusas” (VANOYE, GALIOT-LÉTÉ, 1994, pág. 56). Para comprovar essa afirmação dos autores de cinema, as reações de Taylor diante do sofrimento e das falsas acusações passam-se, geralmente, no quarto. No ambiente de cena ela chora, leva as mãos à cabeça, anda de um lado para outro, voz embargada e olhos agitados.

2. CONFIANÇA PERDIDA: PALAVRAS E VERDADES QUE APRISIONAM



São evidenciadas no filme *Cyberbully* as relações de forças subjetivas que as personagens Kris Hillridge (mãe) e Samantha Caldane (amiga confidente) exercem sobre Taylor. Relações essas caracterizadas pelos comportamentos hegemônicos que aprisionam e negam os desejos individuais da personagem protagonista. As relações se caracterizam como formas de poder no filme. Ao avaliar a narrativa fílmica, a partir dos problemas de gênero propostos pela teórica Judith Butler, a mulher como sujeito do feminismo, nesse contexto, representa a figura “reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação” (BUTLER, 2003, p. 19). Ou seja, há o embate entre opiniões e comportamentos, já que as mulheres são diversas. No cenário fílmico, as três personagens vivem momentos de tensão pela não aceitação das condições de vida individuais, confirmadas em gestos e sentimentos negativos, como falta de ânimo, tristeza, rejeição e solidão.

No caso de Taylor (a vítima do *bullying*), as pressões externas (sofridas pelos colegas da escola) e internas (sofridas pela mãe em casa e o irmão mais novo), além da influência da melhor amiga (Samantha) fomenta um perfil de mulher frágil, sensível e vulnerável. Dessa forma e diante dos comentários na rede social *Clickster* sobre a vida íntima de Taylor, Maffesoli pressupõe ser “chocante observar que a maledicência se difunde muito rápido” (1998, p. 204), ou seja, a vida de Taylor é exposta pela falta de preocupação e responsabilidade dos membros da rede social em difundir fofocas, mesmo sem provas.

A estória de sofrimento de Taylor se estende para muitas cenas do filme, em alguns momentos causa no espectador sensação de tédio pela repetição e mostra a protagonista em busca de soluções rápidas para desfazer os maus entendidos. A falta de entendimento entre mãe e filha, na contemporaneidade, pode-se afirmar que representa a realidade de muitas famílias que têm dificuldades em dialogar com os filhos, quando se trata do uso das redes sociais ou quando é preciso punir ou corrigir erros. São os “[...] tipos de lutas ou de desafios descritos nos roteiros” (VANOYE, GALIOT-LÉTÉ, ano, página 56).

O diretor Charles Binamé foi assertivo nesse ponto. Ao mesmo tempo em que ele sugere o lar como o “altar doméstico”, que a adolescente e a mãe “legitimam, sempre e de novo, o fato de estar junto” (MAFFESOLI, 1998, p. 180), é nesse mesmo ambiente familiar que a adolescente encontra consolo, coragem e formas de atravessar o momento traumático.

A figura da mãe, em várias cenas, é contraditória e caminha contra as teorias feministas do cinema. No que diz respeito à identidade de Kris (a mãe na narrativa), ela é a típica figura de mulher sofredora, abandonada pelo marido, sempre com semblante marcado pelas preocupações com os filhos, o trabalho e as tarefas domésticas.

Os olhos tristes e a face pálida (*close* e *big close*) são características marcantes da personagem, perceptíveis nos movimentos das câmeras e nos ângulos escolhidos pelo diretor para os enquadramentos das cenas. No produto fílmico, a personagem não é apenas, como defende Stam (2002, p. 195), uma “denúncia das imagens midiáticas negativas da mulher”, mas sim, a “construção de uma visão masculina da mulher” (idem), ela não se permite chorar e expor os sofrimentos.

Durante a narrativa, Kris chora uma vez, oportunidade de o espectador perceber a violência subjetiva sofrida por ela que materializa-se nas lágrimas. A figura da mãe em *Cyberbully* é de uma mulher que vive para cuidar dos filhos, sem vida íntima, namorado ou outras pistas de quaisquer demonstrações de sentimentos ou de cuidado consigo própria. Falta ao espectador sentir-se atraído pela personagem pela “simpatia, emoção com relação a determinado papel” (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 1994, pág. 56).

Em *Cyberbully*, Samantha (a melhor amiga) demonstra sentimento de rancor, inveja e raiva ao perceber que Taylor abre mão de momentos ao lado dela para estar com Scott, o jovem jogador do time de futebol por quem a protagonista do filme apaixonou-se. Na narrativa fílmica, Samantha representa uma estudante de caráter duvidoso, ratificado a partir do momento em que ela é identificada como a criadora do perfil falso do rapaz virtual James, que inicia o segundo episódio de *cyberbullying* com Taylor.

Sem saber da traição da melhor amiga, Taylor continua a contar com ela em momentos difíceis, ao mesmo tempo, busca maneiras de recuperar a reputação perante os colegas da escola. Assim, percebe-se, também, que questões culturais de comportamentos no filme definiam a aceitação da adolescente em grupos sociais, ou como cita Cordeiro (2012, pag. 26) “a aparência continua a determinar a inclusão dos indivíduos em determinada elite”.

Chama atenção no filme o fato de o sofrimento de Taylor não ser ocasionado, em primeiro lugar, pelo *bullying* virtual sofrido na rede social *Clickster*, mas, sobretudo, o fato de ela ser rejeitada pelo jovem Scott, por quem é apaixonada. Outro elemento importante sobre a figura masculina no filme é a lembrança que Taylor e Eric (irmão mais novo) têm do pai nos momentos de dificuldades, mesmo com a mãe sempre à disposição para ampará-los. Mas é o pai o ponto de equilíbrio e segurança, o “homem é o condutor do veículo narrativo, sendo a mulher o seu passageiro” (STAM, 2003, p. 196).

Em um cenário em que a figura do pai é percebida apenas nas ligações pelo celular, nesse drama do cinema hollywoodiano, o patriarcado tem seu lugar e ainda ocupa a figura do herói.

3. OMISSÃO DO ESTADO: NEGLIGÊNCIA E DESAMPARO EM CYBERBULLY



Francis Vanoye e Anne Goliot-Leté, em o Ensaio sobre a Análise Filmica, propõem elementos de reflexão da produção cinematográfica. Os autores argumentam que, os filmes apresentam “os sistemas de papéis ficcionais e de papéis sociais, os esquemas culturais, que identificam os ‘lugares’ na sociedade [...] os tipos de lutas ou os desafios descritos nos roteiros” (1994, p. 56). Em *Cyberbully*, a fragilidade da escola em ajudar Kris, a mãe de Taylor, diante do caso de *bullying* virtual demonstra o despreparo e a negligência do estado americano para com o problema. O diálogo entre o diretor da escola e Kris evidencia essa afirmação.

Diretor: Não posso controlar a internet e o que os alunos fazem em seus computadores em casa.

Kris: Devem ter algum tipo de política.

Diretor: Muito vaga. Legalmente, não sei o que fazer.

O diálogo acima ajuda-nos a perceber que a “subjetividade contemporânea está inextricavelmente entrelaçada com as representações midiáticas de todas as espécies” (STAM, 2003, p. 250). Em uma interpretação mais clara, o autor revela-nos que no filme *Cyberbully* os sujeitos são construídos a partir de condições periféricas vinculadas a fatores ideológicos e culturais, impossibilitando a tomada de decisões, ocasionando a narrativa presa à passividade.

Na cena anterior, em que a escola deseja, mas não tem condições jurídicas e legais que amparem o caso do *cyberbullying*, ela isenta-se da responsabilidade. A partir desse ponto da narrativa fílmica, Kris, a mãe, inicia a busca autônoma de soluções para ajudar a filha, que chega ao limite da loucura ao tentar suicídio. Depois da omissão do colégio, a próxima instituição que recusa-se a ajudar a mãe de Taylor é o departamento policial da cidade, como é descrito no diálogo abaixo:

Polícia: Ela foi ameaçada fisicamente?

Kris: Estão chamando ela de suja e dizendo que ela dorme com garotos por dinheiro. Isso não é assédio?

Policial: Se disserem isso na cara dela, sim. Mas *on-line*, não há lei contra isso neste estado.

A terceira tentativa de Kris (mãe de Taylor) é conseguir ajuda no Senado, quando reivindica, sozinha, pela criação de projeto de lei contra o *cyberbullying*. Mas, ela recebe outro não do político, que a atende de maneira ríspida.

Político: “Ninguém obriga eles a entrarem na internet...Me procure de novo na próxima sessão”.

É preciso perceber, na perspectiva da teoria realista do cinema, que a negação do Estado e autoridades policiais em proteger o cidadão americano demonstra, no produto midiático, a intenção de gerar no espectador a sensação de que “o indivíduo existe nesses filmes para revelar as dimensões humanas de uma situação ampla e objetiva” (ANDREW, 1994, p. 129), ou seja, é a representação da realidade de muitas adolescentes no mundo. Seja no Brasil, seja nos Estados Unidos da América, o local geográfico muda, mas o problema não.

Em uma quarta e última tentativa Taylor (a filha) e Kris (a mãe) procuram ajuda na mídia, frente à omissão das outras instituições – escola, polícia e governo. Assim, promove-se uma entrevista entre o agressor (Samantha/James) e a vítima (Taylor). Na cena, em *close* e *big close*, as expressões das personagens são evidenciadas, Samantha (a melhor amiga de Taylor) mostra-se arrependida e confessa porque fez o ato, alegando que o objetivo primeiro do ato era proteger a amiga Taylor de Scott (a paixão da protagonista), além de

sentir raiva e ciúmes. Nessa parte do filme, Samantha confessa: “É difícil me imaginar desse jeito. Eu sempre achei que os fazedores de *bullying* eram os que te enchiam na escola. Mas, quando você faz isso *on-line* nem percebe o que está fazendo. Você não vê a outra pessoa e você pode fazer e dizer qualquer coisa...não parece ser real”, declara a personagem, que de agressora também se torna vítima. Com a análise do filme *Cyberbully*, foi possível associá-lo à realidade atual da sociedade contemporânea, pois é o retrato do presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Cyberbully* (2011), a figura feminina é promovida no filme estadunidense, dentro da perspectiva de gênero, como frágil, indefesa e masculina. As relações internas e externas, com a família e colegas de escola demonstram a dependência que a vítima do *bullying* virtual tem das relações sociais, mas aponta as resistências individuais e a rivalidade feminina que supera as interações de alteridade, os laços fraternos de amizade e maternal.

A narrativa de *Cyberbully* cerca-se de mulheres (a mãe Kris, a melhor amiga Samantha, e a vítima Taylor), em universo que a racionalidade dos comportamentos não se sobressai às atitudes amorais percebidas nas cenas, em condições de lutas das mulheres contra as mulheres. Apesar de o filme ser uma produção pós-moderna, o enredo apresenta características de um discurso com conteúdo de caráter preconceituoso, a vítima do *cyberbullying* é sempre julgada pelos comportamentos entendidos, no filme, como atitudes que não se enquadram em determinado padrão social.

A partir da análise, foi possível perceber que se sobressai a opinião masculina sobre a feminina. Nessa inferência, confirma-se que a vítima, mesmo passando por momento constrangedor, de abandono, a ponto de colocar em risco a própria vida, preocupa-se mais com a rejeição do garoto por quem é apaixonada do que com a sua integridade psicológica e física.

A prática do *cyberbullying*, presente no filme, com o envolvimento de mulheres, não é uma novidade no mundo pós-moderno, conforme exemplos citados no *corpus* deste artigo. Em síntese, essa análise ajudou a perceber que a sociedade necessita de leis específicas que

inibam a prática, principalmente quando esse tipo de violência coloca em discussão pública a vida íntima das vítimas, com exposição de vídeos e fotos de apelo sexual, ou em ações de calúnia, difamação e injúria.

Há ainda, na narrativa, a denúncia de uma proxemia complexa quanto ao uso das redes sociais. Ao tempo que as novas tecnologias possibilitam a aproximação de pessoas e vínculos de amizades, existe a falta de medidas pedagógicas, no ambiente escolar e familiar, para a educação adolescentes e jovens, referentes ao uso adequado das redes sociais e dos aplicativos para celulares, o que gera relações complexas de falta de alteridade e de responsabilidade com a vida do outro.

Os resultados desse artigo contribuíram para assegurar esse debate no ambiente acadêmico acerca dos temas *bullying* e *cyberbullying*, suas formas de expressão e expansão no ambiente educacional fomentada pelo uso de recursos tecnológicos disponíveis às novas gerações.

REFERÊNCIAS

ANDREW, J. Dudley. **As Principais Teorias do Cinema – Uma Introdução**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2002.

BAUER e GASKELL, Martin e George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – Um manual prático**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

CYBERBULLY. Direção: Chales Binamé. Estados Unidos, ABC Family, 2011. 1 DVD (87 minutos).

LAURETIS, Teresa De: **Tecnologia do Gênero** in: HOLLANDA, Heloisa Buarque: **Tendências e Impasses – o feminismo como crítica da cultura**, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1998.

Portal 180 graus. **Época, IstoÉ e Veja usam caso Júlia par alertar sobre ‘Internet e sexo’**. Disponível em <<http://180graus.com/noticias/epoca-e-istoe-usam-caso-julia-para-falar-de-vinganca-mortal-pela-web>>, acesso em 20 de junho de 2015.

Portal do Jornal O Globo. **Jovem comete suicídio depois de ter fotos íntimas vazadas na internet**. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/brasil/jovem-comete-suicidio-depois-de-ter-fotos-intimas-vazadas-na-internet-10831415#ixzz3dlK4pE9w>>, acesso em 1º de maio de 2015.

STAM, Robert. **Introdução à Teoria do Cinema**. Campinas, SP: Papirus, 2003.